

SUBJETIVIDADE E ESCOLHA MORAL NA ADOLESCÊNCIA: EMBATE ENTRE PARTICULARIDADE E INDIVIDUALIDADE

Flávia de Souza Otuka*
Wanda Maria Junqueira Aguiar**

RESUMO: O presente trabalho é resultado de uma pesquisa qualitativa empírica, que analisou a dimensão subjetiva da escolha moral na adolescência e, portanto, apreendeu os valores utilizados para a fundamentação das escolhas feitas pelos jovens. Para isso, utilizamos a categoria sentido. A partir da análise dos sentidos, identificamos a aproximação ou o distanciamento do sujeito, ao que Agnes Heller (2003) denominou de particularidade e individualidade. Apoiamo-nos na abordagem teórica da Psicologia Sócio-histórica e na Sociologia de Agnes Heller. O processo de obtenção de informações consistiu em: 1) veiculação do filme *O senhor das moscas* a um grupo de 9 estudantes do 3º ano do ensino médio; 2) realização de mais 2 encontros posteriores com o grupo a fim de discutir sobre os conteúdos do filme. Desses 3 encontros selecionamos 2 sujeitos para a realização de entrevistas individuais. O procedimento de análise consistiu na construção de núcleos de significação e na articulação das análises grupais e individuais, visando, assim, demonstrar como a compreensão da constituição da dimensão subjetiva permite apreender o movimento peculiar do sujeito no grupo ao mesmo tempo em que a compreensão dos movimentos grupais nos auxilia a entender os movimentos dos sujeitos individuais. Nossa análise demonstrou que os jovens da pesquisa apresentam uma concepção naturalizada de homem, depositam grandes expectativas de ascensão social na educação, percebem a educação escolar como possibilidade de instrumentalização para o trabalho e, de um modo geral, tendem a atuar no âmbito da particularidade, embora apresentem diversas ações no âmbito da individualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Dimensão subjetiva. Adolescência. Processos de escolha. Particularidade e individualidade.

* Mestre em Psicologia da Educação. E-mail: flavia.otuka@terra.com.br

** Orientadora. Drª em Psicologia Social pela PUCSP, São Paulo, SP, Brasil.

Recebido em: Abril/2009

Aprovado em: Maio/2009

SUBJECTIVITY AND MORAL CHOICE IN ADOLESCENCE: CLASH BETWEEN PARTICULARITY AND INDIVIDUALITY

ABSTRACT: This work is the result of the empiric research, that analised the subjective dimensions of the moral choice in the adolescence and, therefore, it captured the values used to the groundings of the options made by the youngsters. For that, it was necessary the use of the sense rate. From the sense analysis, we identified the proximity or the detachment of the subject, that Agnes Heller called particularity and individuality. We stand for the theory approach of the Socio-historic Phycology and in the sociology of Agnes Heller. Our analysis showed, among other things, that the interviewed youngsters presented an idea of the naturalized man, placing great expectations on the social rise through education, they see the school education as a possibility to work and, in general, they tend to act in the particularity field, although they present several actions in the individual field.

KEY WORDS: Subjective dimension. Adolescence. Pocesess of choice. Particularity and individuality.

INTRODUÇÃO

Esta comunicação apresentará a pesquisa de mestrado cujo objetivo foi analisar a dimensão subjetiva da escolha moral na adolescência e, portanto, apreender os valores utilizados para a fundamentação das escolhas feitas pelos adolescentes. Para isso, tornou-se necessária a utilização da categoria sentido. E, finalmente, a partir da análise dos sentidos, identificamos a aproximação ou o distanciamento dos sujeitos, ao que Agnes Heller (2003) denominou de particularidade e individualidade. Apoiamo-nos na abordagem teórica da Psicologia Sócio-histórica e na Sociologia de Agnes Heller.

METODOLOGIA

Os sujeitos são estudantes do 3º ano do Ensino Médio de uma escola pública do interior do estado de São Paulo. A escolha dos sujeitos foi motivada pela especificidade da temática abordada, a qual exige que os sujeitos apresentem um nível desenvolvido da capacidade de abstração, de reflexão e de argumentação.

Realizamos três encontros com um grupo de nove estudantes. No primeiro encontro foi veiculado o filme **O Senhor das moscas** (1990)¹. Consideramos que

¹ Sinopse: Um grupo de cadetes adolescentes são os únicos sobreviventes de um acidente aéreo. Eles se refugiam numa ilha desabitada, na qual desenrolam-se conflitos éticos em busca da sobrevivência. Ralph (Balthazar Getty) lidera um grupo, pautado na cooperação, enquanto Jack (Chris Furrh) lidera outro, pautado na sobrevivência dos mais fortes.

esse filme constituiu-se recurso metodológico fundamental para o processo de obtenção de informações, pois trata de situações que expressam dilemas que impulsionam o sujeito a aprofundar sua reflexão sobre os valores que fundamentam sua decisão. Desse modo, o sujeito é impelido a se posicionar e a revelar os valores que são constitutivos do seu movimento decisório. Além disso, acreditamos que o fato de os atores do filme serem adolescentes favoreceu a identificação com a população estudada. No segundo encontro, discutimos sobre o filme, de forma que os estudantes explicitaram suas percepções, sentimentos e posicionamentos acerca dos dilemas éticos contidos no mesmo. No terceiro encontro, demos continuidade à discussão suscitada no primeiro, entretanto de forma mais dirigida, visando esclarecer e aprofundar as informações anteriores.

Desses três encontros em grupo, selecionamos dois sujeitos para a realização de entrevistas recorrentes de história de vida. No entanto, não descartamos as informações obtidas anteriormente no grupo de discussão. Elas foram articuladas no processo de análise, como mediações constitutivas do movimento do grupo de discussão e, assim, do movimento de cada um.

Utilizamos como procedimento de análise, o que Aguiar e Ozella (2006) denominaram de construção de núcleos de significação.

RESULTADOS

As análises dos núcleos de significação do grupo de discussão e das entrevistas individuais nos permitem dizer que os sujeitos da pesquisa apresentam uma visão naturalizada do ser humano. A concepção de infância desses sujeitos traz implícita a noção de que a criança é tomada por instintos apriorísticos e corruptíveis, necessitando, assim, de uma intervenção externa, que pode ser da família ou da educação de um modo geral, que favoreça o desabrochar de suas potencialidades internas.

Além disso, da análise das discussões em grupo, apreendemos a crença de que há indivíduos portadores do bem e outros portadores do mal, reafirmando a crença da existência de uma “essência” apriorística que determina o caráter e as escolhas do homem. Importante destacar que R.² vislumbra a existência das duas naturezas, mas a ideia de uma natureza pré-existente permanece. D.³ mencionou que tem “uma coisa sua” anterior às suas escolhas e que as determinam. “Essa coisa”

² Denominamos de R. um dos sujeitos da pesquisa, com o qual realizamos entrevistas individuais.

³ Denominamos de D. um dos sujeitos da pesquisa, com o qual realizamos entrevistas individuais.

determina tanto a escolha de um parceiro amoroso, como uma escolha profissional. Tentando escolher adequadamente uma profissão, D. recorre aos testes vocacionais, acreditando que esses instrumentos “captariam” sua suposta essência, orientadora de suas escolhas. Tanto R., quanto D. apontam a existência de uma capacidade quase instintiva de escolher as relações pautando-se no “olhar”. Analisamos que essa capacidade de escolher utilizando apenas o olhar indica a existência da crença de que o homem carrega em si algumas pré-determinações inalteráveis, das quais não pode escapar, tratando-se, portanto, da crença de um homem naturalizado. O indivíduo parece, então, ter poucas possibilidades de modificar-se diante desse conteúdo apriorístico. R. considera que essa impossibilidade de transformação deva-se ao fato de que só é possível transformar aquilo criado por você mesmo, visto crer que o homem seja uma criação divina, não pode ser transformado, exceto por Deus.

A fatalização também surge quando concebem o homem como sendo totalmente determinado pelo meio em que está inserido. Isso fica evidente quando citam que a mídia é uma forte influência negativa, não podendo servir, senão, para a constituição da alienação do homem. R. acredita que a televisão, nos tempos atuais, seja extremamente prejudicial ao desenvolvimento humano. D. relatou que pessoas, quando expostas aos conteúdos ruins da mídia, tornam-se “cabeças fracas”, pois esses conteúdos são de tal forma impingidos ao indivíduo, que este não consegue rejeitá-los. Sendo assim, desconsideram o movimento do homem na relação homem-mídia, como se o indivíduo não pudesse exercer a reflexão e o questionamento sobre aquilo que vê e ouve, como se fosse, portanto, um ser passivo frente à realidade.

Verificamos, também, que o grupo de adolescentes percebe o homem como totalmente determinado pela realidade externa, quando trazem a ideia de que todos têm que se conformar com a realidade, visto que sempre foi assim no processo histórico. Naturaliza-se o homem e o social, como se a história já estivesse pré-determinada, independentemente da ação humana e da relação do homem com a totalidade social.

Os jovens desta pesquisa percebem a necessidade de algumas mudanças sociais, no entanto, não conseguem visualizar formas concretas para sua efetivação. De um modo geral, o grupo recorre a iniciativas individuais para a implementação de ações que levem à mudança. As possibilidades de transformação social são, ainda, legadas a uma entidade abstrata, como o Estado ou políticos.

O homem, portanto, não é visto como agente sobre o meio em que vive e o mundo parece ser regido por leis criadas por uma instituição abstrata ou sobrenatural que independem da ação humana. Desconsidera-se, portanto, a relação

dialética de determinação homem-mundo. Ao permanecerem nas iniciativas individuais ou delegarem essa responsabilidade a entidades abstratas ou sobrenaturais, as soluções pensadas não abrangem os vários determinantes para a constituição da atual realidade e, conseqüentemente, aqueles para a sua transformação. Dessa forma, não aparecem na discussão dos sujeitos elementos que vão além da aparência dos problemas, que revelem suas contradições. A absolutização dessa crença favorece a alienação da vida cotidiana, visto que os homens assumem como naturais e imutáveis situações que poderiam ser transformadas pelas suas ações. A mudança também é vista como um processo linear e sem contradições, de modo que o novo não pode coexistir com o já existente, assim como o já existente não pode gerar o novo. Sendo assim, a melhor solução identificada pelo grupo para resolver os problemas sociais seria “acabar com o mundo e começar tudo de novo”.

Essa percepção de que deveriam existir mudanças, mas, que na prática, dificilmente se efetivam, deve-se a subjetividades que estão sendo constituídas frente a condições sociais e econômicas, tanto as mais amplas, quanto as mais restritas, que impelem o indivíduo a atuar, predominantemente, no âmbito da particularidade, em busca da sobrevivência imediata. O indivíduo, ao focalizar suas energias para atender ao imediato, naturaliza a vida cotidiana, ou seja, perde a noção de processo, da construção histórica do presente e do futuro, não se percebendo parte integrante desse movimento de constituição da realidade.

A manutenção das necessidades particulares, de que todos os indivíduos são portadores, demanda grande parte das energias do homem, acarretando assim uma diminuição da reflexão sobre as conseqüências dos seus atos e sobre os valores adotados em suas ações. Isso gera uma moral alienada, ou seja, a interiorização de valores distintos, que coexistem harmonicamente, sem provocar conflitos e questionamentos no indivíduo. Nesse processo, em que a busca pela subsistência consome boa parte do tempo e das energias desse indivíduo, o grupo pesquisado percebe o individualismo como a forma mais adequada para enfrentar essas condições adversas. Visando atender somente às necessidades particulares, o indivíduo orienta-se de modo cotidiano, em que a não-reflexão é característica principal, em situações em que se exige uma escolha consciente e a assunção das conseqüências das mesmas. A necessidade do “eu” sobrepõe-se à “consciência do nós”, sendo portanto, considerada válida a adoção de valores que aviltem uma coletividade, mas que ao mesmo tempo contribuam para a manutenção da sobrevivência do “eu”.

Ao orientarem-se mais sob a égide da particularidade, que da individualidade esses adolescentes produzem significações em que a democracia e os interesses de uma coletividade são valorados como ideais, porém não aconselháveis, visto

que envolvem riscos das mais diversas naturezas, desde a perda de um emprego, até mesmo a perda da garantia da própria vida. Disso decorre o pouco interesse desses adolescentes pelo coletivo, pois aqueles que o fazem sofrem consequências negativas ao apresentarem comportamentos democráticos, pacificadores e engajados. Assim, insere-se o medo nas significações sobre a realidade e torna-se o norteador das escolhas nos mais diversos âmbitos da vida dos adolescentes dessa pesquisa. Vale ressaltar que o medo está pautado numa situação cotidiana real, visto que essa violência não é uma possibilidade remota, mas parte integrante do cotidiano desses jovens. Isso remete-nos a pensar que o grupo aproxima-se mais do âmbito da particularidade, que do da individualidade, pois nessa disputa entre o “querer fazer”, o “poder fazer” e o “dever fazer”, na idealização predomina o “querer”, mas na prática prevalece o “poder”.

Sabemos que as nossas condições são pouco favoráveis para a constituição do humano-genérico, como diz Singer (2005), antes de contribuir para alguma mudança, a juventude precisa ser ajudada. Contudo, diante das restrições, é possível e necessário que o indivíduo compreenda e se aproprie dos determinantes das situações coercitivas e opressoras e isso, de alguma forma, proporciona uma elevação da particularidade para a individualidade, embora em grau restrito. Frente a essas condições concretas de existência, o indivíduo, a fim de garantir a sobrevivência, tende a atuar mais no âmbito particular. Constituem-se, portanto, subjetividades em que a individualidade, ou seja, a busca pelos interesses coletivos mais amplos, tem pouco espaço de efetivação. Sendo assim, fomenta-se um terreno propício para a naturalização do humano e dos determinantes sociais, desconsiderando a historicidade envolvida nesse processo. Dessa forma, não nos surpreende que se observe no grupo a crença de que individualismo é a melhor resposta, assim como, a de que o esforço próprio é capaz de garantir a ascensão social, ou ainda, a de que haverá uma “solução mágica” para os problemas sociais, independente da mobilização da sociedade.

A família e os amigos são lembrados pelo grupo como determinantes de suas escolhas. A família é vista como uma instituição com grande força moralizadora, no sentido de ensinar o adequado cumprimento das regras sociais. Identificamos que o grupo tem um papel importante na constituição dos adolescentes da pesquisa, principalmente, no que se refere à adoção de valores e condutas distintos dos de suas famílias.

A significação da adolescência do grupo também traz em seu bojo a ideia de um homem naturalizado, que tem uma essência que o predestina a ser problemático nessa etapa do desenvolvimento, assim como, percebem o adolescente como um ser despreparado para assumir-se como protagonista social. Apesar dos

adolescentes pesquisados trabalharem, exercerem o direito ao voto, de se engajarem em movimentos musicais e de realizarem diversas atividades consideradas do mundo adulto, a ideia de adolescência como despreparo persiste. Sobre o significado da adolescência para esse grupo, cabe ainda destacar que, concomitante à ideia de que a adolescência é um período de preparação para o exercício social está a de que, exatamente por isso, os adolescentes podem realizar ações de reivindicações de mudanças, visto que ainda não têm um *status* social valorizado a pôr em risco. Dessa forma, R. um dos únicos a apresentar algumas ações em favor de outros, disse que tem procurado aceitar as “coisas” à medida em que está “crescendo”. Outro aspecto a ser destacado sobre a significação da adolescência nesse grupo é a percepção de que as gerações jovens passadas eram mais conscientes e participativas que as dos tempos atuais. Essa percepção é ideológica, pois alguns grupos minoritários de jovens do passado são tidos como expressão de toda uma geração. É igualmente ideológica ao transmitir a mensagem de que, apesar de existir uma juventude contestadora, esta não é capaz de mobilizar mudanças efetivas, visto que se vive hoje num contexto social repleto de situações que necessitam ser modificadas. Isso reafirma a naturalização dos acontecimentos, das relações e das condições sociais, deixando implícita a ideia de que, independentemente da ação humana, o mundo seguirá um curso pré-determinado.

Associada a essa concepção naturalizada de indivíduo, encontramos a crença numa concepção liberal de homem, a qual acredita que o oferecimento de oportunidades proporciona igualdade entre todos os indivíduos de uma sociedade, tornando-os, portanto, aptos para o sucesso. O estudo, nessa conjuntura, aparece vinculado a uma concepção liberal de homem, pois se constitui como a principal ferramenta para garantir a igualdade de oportunidades. Nesse contexto o desemprego é analisado como uma falta de competência individual e não como um problema social. Essa crença na falta de competência individual pode ser percebida, não apenas como uma inabilidade para exercer determinada função, mas, como aponta D., na incapacidade de escolher acertadamente uma profissão. Em ambos os casos persiste a ideia de que está no indivíduo a falha e não no social e reforça-se a crença de que o estudo e o esforço pessoal bastam para conquistar o almejado sucesso profissional. Disso decorre a confiança exagerada depositada na educação, que é vista como o grande instrumento para a ascensão pessoal. Visando ascender socialmente, por meio dos estudos, os jovens dessa pesquisa percebem o conhecimento escolar como um instrumento para obter um emprego. Dessa forma, o conhecimento é destituído de seu caráter mediador para uma ação mais consciente e efetiva no mundo. R. relatou que apenas conseguiu entender a realidade política e econômica com uma professora de geografia, no entanto,

esse entendimento se dissipou com a saída da professora de sua escola. A compreensão do mundo declinou, mas as notas permaneceram altas.

Apesar de depositarem tantas expectativas nos estudos, para a aquisição de um emprego e de uma condição social e econômica melhor, os sujeitos de nossa pesquisa não se interessam pela escola. O objetivo escolar fica restrito a tirar notas boas, “passar de ano” e obter um diploma, acreditando serem essas as exigências para se conquistar um emprego. Além disso, esperam que a educação seja a panaceia para os problemas sociais, demonstrando um otimismo exagerado nessa instituição, atribuindo-lhe poderes que não possui.

Vale destacar que D. e R., assim como o demais adolescentes do grupo de discussão, não consideram que a escola tenha sido determinante no desenvolvimento de seus sistemas valorativos. D. e R., apesar de mencionarem professores que exerceram papel fundamental na constituição de subjetividades reflexivas, percebem que, de um modo geral, a escola não está preocupada com a formação de pessoas que compreendam e promovam questionamentos sobre a realidade em que estão inseridas. D. percebe a escola como um meio para aquisição de um trabalho, enquanto que para R. a escola é um local para fazer amizades e aprender alguns princípios de sociabilidade.

Acreditamos que a escola possa dar inegáveis contribuições para a formação do indivíduo, no que tange à constituição de princípios éticos e morais, pois está inserida na cotidianidade, esfera em que prevalecem a mesmice e a não-reflexão, mas também onde circulam os afetos e as contradições. Essa contradição pode gestar a possibilidade de ações humanas inovadoras, assim como o questionamento que favorece a desnaturalização desse modo de relacionar-se na cotidianidade e, portanto, a elevação das ações para além dessa cotidianidade. No entanto, para esse grupo de adolescentes, a escola figura um papel secundário na constituição de valores orientadores da escolha moral. Atribuímos isso à realidade específica da comunidade escolar em que estes jovens estão inseridos, que oferece poucos espaços de discussão e participação discente, assim como, privilegia métodos educacionais em que a reflexão é pouco exigida. Sendo assim, essa escola mais reproduz as situações cotidianas e os modelos de interação dessa esfera, do que favorece a criação de novas possibilidades de enfrentamento, menos cristalizadas e estereotipadas, que denotem uma suspensão da cotidianidade.

A religiosidade é um fator importante na constituição das subjetividades dos adolescentes da pesquisa. As igrejas são vistas como instituições de contestação dessa realidade cruel, devido aos princípios cristãos que veicula. Identificamos vários princípios religiosos nos relatos de D. e R., e muitos deles orientadores das suas escolhas; como não julgar o próximo e tratar o outro “como a ti mesmo”. Ou

ainda, não tentar mudar aquilo que Deus criou.

O prazer é outro orientador das escolhas, e estando no âmbito do particular, visto que nos remete ao imediato, ao “aqui-e-agora”, implica numa despreocupação com o depois, com as consequências. Pautar-se apenas pelo prazer, também favorece a instalação de uma alienação da moral. Das entrevistas com D. e R. depreendemos que o prazer é preponderante em alguns processos decisórios, configurando-se como figura, enquanto que a razão parece ser o fundo. Enquanto D. escolhe os grupos de pares, fundamentando-se basicamente no prazer que eles lhe proporcionam, R. dirige grande parte de suas ações para garantir o bem-estar das outras pessoas, o que por sua vez, lhe traz muito prazer.

A orientação, pautando-se basicamente no prazer, aproxima-se da concepção de que a criança tem uma natureza instintiva corruptível, pois não é guiada por sua razão e sim pelos sentidos. Sendo a adolescência o período imediatamente posterior ao da infância, pode significar que apresente, ainda, resquícios dessa natureza infantil. Apesar do prazer, na maioria das vezes, ser preponderante, não podemos deixar de mencionar que, tanto D., quanto R. percebem a importância do exercício da reflexão. Além disso, apontam situações em que a reflexão torna-se figura no processo decisório. Os dois adolescentes relataram que procuram ter vários pontos de vista acerca de determinadas situações, vislumbrando as várias possibilidades de ação. Importante destacar que a reflexão na vida de R., tem sofrido uma resignificação, pois seu uso o tem afastado de seus pares, também tem impedido o estabelecimento de ações eficientes no cotidiano e desencadeado um tormento mental. Acreditamos que esse processo esteja intimamente relacionado ao meio em que R. está inserido, que favorece significações de que a reflexão é desnecessária e até mesmo prejudicial para sua vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que essa pesquisa contribua nos aspectos teórico e metodológico para posteriores produções de conhecimentos científicos. Acreditamos que, ao ampliar a compreensão do real, ou seja, ao produzir conhecimento fundamentado em categorias teóricas que possibilitam, não apenas descrever a realidade, mas principalmente explicá-la, seja possível proporcionar formas de intervenções mais efetivas, junto à população adolescente. Além disso, consideramos que esta pesquisa também possa fornecer contribuição metodológica, visto que as estratégias utilizadas nos grupos de discussão, associadas às entrevistas individuais, mostraram-se extremamente fecundas para estudar o fenômeno da

subjetividade, em sua historicidade. Por meio dessa metodologia foi possível resgatar a gênese de algumas determinações das escolhas morais dos sujeitos pesquisados, transcendendo à aparência desse fenômeno psicológico, assim como, pudemos aproximarmo-nos de algumas zonas de sentido que, segundo González Rey (2005, p. 6), são “espaços de inteligibilidade que se produzem na pesquisa científica e não esgotam a questão que significam, senão que pelo contrário, abrem a possibilidade de seguir aprofundando um campo de construção teórica.” Assim, ao produzirmos alguns espaços de inteligibilidade acerca da dimensão subjetiva da escolha moral na adolescência, articulando-os com a teoria, acreditamos que não finalizamos as múltiplas possibilidades desse estudo, no entanto, avançamos na produção de novos conhecimentos acerca dessa temática.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Wanda M. Junqueira; OZELLA, Sérgio. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v.2, n. 26, p. 222-245, 2006.
- GONZÁLEZ REY, Fernando. O compromisso ontológico na pesquisa qualitativa. In: _____. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de constituição da informação**. São Paulo: Thomson, 2005.
- HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- SINGER, Paul. Juventude como corte: uma geração em tempos de crise social. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto da Cidadania/ Fundação Perseu Abramo, 2005.
- O SENHOR das moscas. EUA: Hook, H. Distribuição Fox filmes, 1990. 1 DVD. (91 min., som, color, legendado e dublado).